

O FILÓSOFO-LAVRADOR DA BEŌCIA
TRADUÇÃO E NOTAS AOS VV. 383-447 DE
OS TRABALHOS E OS DIAS,
DE HESÍODO

HOMEM POR SI

Quando nos debruçamos sobre os problemas que *Os Trabalhos e os Dias* forçosamente suscitam pela sua natureza, estrutura, unidade e assunto, tudo agravado pelas vicissitudes da sua transmissão ao longo de quase três milênios, uma vantagem nos oferece o poema: Hesíodo é o primeiro poeta grego que fala do seu ambiente em nome próprio (1). E o que é mais interessante é que fala em quase todas as páginas, tanto que para P. Mazon o método mais eficaz de resolver dificuldades que porventura ainda subsistam, mesmo depois da falência do hiper-criticismo atomizador do séc. passado, o caminho mais seguro é ouvir o próprio Hesíodo: no seu poema ainda se podem escutar as inflexões da sua voz (2).

A análise da obra revelará também o estilo, cuja identidade parece confortavelmente baseada, por exemplo, na distribuição regular do uso do dual por todo o poema, à boa maneira dos autores da Ática e da Beócia (3). Nem é preciso descer à minúcia dum Verdenius para nos convenceremos de tal (4). O que, por outro lado, não exclui necessariamente a hipótese de várias composições separadas, reunidas em unidade maior por mão de seu autor.

De qualquer forma, há no poema unidades menores que gozam de certa autonomia dentro dum conjunto bastante bem estruturado. Já houve quem traçasse dos *Trabalhos*... este esquema:

"A arquitectura dos *Erga* pode dividir-se em duas partes: 11-334, fundamentação da justiça e do trabalho; 381-694, manual prático de agricultura e da navegação. Cada parte é completada por uma série de γυναικες respeitantes à vida familiar e social". Simplificação reveladora do génio latino do autor, o Prof. La Penna (5). Mas útil como instrumento de trabalho. Pelo menos, a secção que vamos analisar cabe perfeitamente dentro desta estrutura: *o trabalho dos Campos*, que reivindica a bela soma de 235 versos de 383-617 e de cuja primeira parte nos ocuparemos. Uma secção bem definida pela revolução astronómica da constelação das Pléiades que marca no calendário do agricultor a época da colheita e das sementeiras. (vv. 383-615).

ESCUTANDO HESÍODO

Uma vez admitida a autenticidade básica dos *Erga*, sigamos o conselho do experiente Mazon, ouvindo a meia centena de versos com que abre a secção e que lhe imprimem o verdadeiro carácter: um calendário de trabalhos agrícolas que uns após outros solicitam o cuidado do lavrador para quem, de facto, um trabalho se sucede a outros:

(382)

- 383 Quando as Plêiades, filhas de Atlante, se levantam
dá começo à ceifa; e à sementeira quando se põem.
É sabido que elas, quarenta noites e quarenta dias,
estão invisíveis; mas prosseguindo o ano o seu curso,
voltam a aparecer, quando primeiro se apontam as foices.
Quer para os que moram à beira-mar,
quer para os que longe do mar revoltos,
habitam os vales profundos, húmus fértil,
esta é a lei da terra:
semeia nu, lavra nu, ceifa nu,
se queres cuidar a tempo dos trabalhos de Deméter,
de modo a que todos os frutos venham a sazonar;
não aconteça que, depois, por necessidade,
mendigues por casa dos outros e nada recebas.
Como agora vieste a mim. Mas — garanto-te —
nada mais te darei nem emprestarei.
Aplica-te, Perses tonto, aos trabalhos
que aos homens os deuses determinaram,
para que nunca, de coração amargurado,
com os filhos e a mulher procures alimento
junto de vizinhos que disso não se preocupam.
- 401 Duas ou três vezes, ainda terás sorte;
mas, se continuares a importunar, nada lograrás.
Esfalfar-te-ás a dizer coisas em vão,
que será estéril a sementeira de palavras.
Por isso te exorto:
cuida de pagar as dívidas e fugir à fome.
Primeiro adquire casa, mulher e bois de trabalho:
uma escrava, não esposa, capaz de seguir os bois;
e em casa todos os apetrechos necessários,
para que não peças a outro e ele te recuse,
e fiques desprevenido;
passe a estação e o trabalho fique por fazer.
- 410 Não deixes para amanhã ou passado,
pois homem que descuro o trabalho não enche casa,
nem o que adia.
Pois é o cuidado que faz render o trabalho.
Homem negligente desafia a desgraça.
Quando descai o ardor do brilhante sol,
de calor excessivo, e Zeus todo poderoso
faz cair as chuvas de fim de Outono
e o corpo humano se torna muito mais vigoroso
— é quando a estrela Sírio, por cima da cabeça dos mortais

caminha pouco de dia, e leva mais da noite —
 — então as árvores cortadas pelo machado
 resistem muito mais ao caruncho,
 deixam cair por terra as folhas e cessa a rebentação.
 Então, pois, lembra-te de cortar a madeira,
 consciente dos trabalhos de cada estação.
 Corta um rolo de três pés, uma trave de três côvados,
 um eixo de sete pés, este sobretudo medido à justa;
 mas se tiver oito pés, corta-lhe um maço;
 corta ainda um arco de três palmos
 para uma roda de dez mãos travessas.
 Há muita madeira arqueada; mas um temão
 leva-o para casa, quando o encontrares,
 procurando quer no monte quer no campo:
 De azinho, que é o mais resistente
 para lavrar com bois;
 quando o servo de Atena, depois de o haver firmado
 no dental com cavilhas
 o apõe e ata fortemente ao cabeçalho.
 Deves ter dois arados, feitos em casa,
 um duma só peça e outro de várias,
 pois assim é muito melhor.
 Se se quebrar um, atrelarás outro aos bois,
 os cabeçalhos menos carcomíveis são os de olmo ou de lou-
 reiro;
 o dental, de carvalho; o temão, de azinho.
 Compra uma junta de bois de nove anos (6)
 indomáveis de força, na pujança da idade:
 são os melhores para o trabalho.
 Eles não vão brigar no rego e quebrar o arado
 e deixar assim o trabalho por acabar.
 Deve segui-los um homem de quarenta anos, robusto,
 que tenha comido um pão bem fabricado, de oito cabeças,
 o qual, atento ao trabalho, conduza um rego direito,
 sem se distrair com os companheiros,
 mas tenha a alma no trabalho.
 Outro mais novo que ele não é melhor
 para repartir a semente, evitando uma segunda sementeira.
 Um homem mais jovem distrai-se com os companheiros.

O TEXTO E A VERSÃO

Traduzimos a perícopa fundamental da secção, a que apresenta os
 elementos que dão feição à propriedade rural: trabalhadores e instru-
 mentos de trabalho. O que se segue é um comentário ao calendário rús-
 tico, anunciado nos primeiros versos (7). É claro que uma versão pro-
 saica da poesia não transmite os possíveis encantos dum texto poético,
 embora *sui generis*.

Talvez nos possamos contentar, por agora, com a sua informação
 documental (3). Ora acontece que na decifração do documento não se
 entendem os entendidos, em dois passos: um no princípio, a propósito
 do significado de ἄροτος, e outro, no fim, relativamente a τετρατό-
 φος.

O termo ἄροτος aparece uma vez apenas nesta secção, e num contexto que não deixa dúvidas: oposto a ἀμήτου, colheita, não pode significar senão *sementeira*. Assim o interpretou, v.g. Mazon na sua edição de *Os Trabalhos*: "les semailles". Em nota, porém, dá a entender que esta é uma acepção rara, porque ἄροτος significaria *labourage* (9). Mais ou menos o dicionário de A. Bailly: *labour, travail des champs, temps de labour* (10).

H. Liddell — R. Scott, traz *tillage, ploughing* (lavoura; agricultura). Mas para o v. 450, *seed time* (tempo da sementeira) (11).

O vocábulo aparece também na *Odisseia* X, 122-124, e o dicionário de H. Ebelling (12) traduz por *aratio*, acrescentando, porém: "Dutari potest num sit ἢ ἄροτος ager qui aratur (122). Para a forma ἀράτουσιν que aparece no v. 124, escreve: "de agris qui arantur inter pretabimur".

Trata-se dos Cíclopes que não apascentam nem semeiam. Portanto, aquela terra οὐτ' ποιμήνησιν κατάσχεται οὐτ' ἄροτουσιν.

O conceito de sementeira penetra o vocábulo e, ao que parece, de le não prescinde, o que tem importância para a recta interpretação doutros passos de *Os Trabalhos*, como o v. 460, onde Mazon traduz ἀροτουο... ἄρην por *saisons des labours*, apesar de haver vertido dois versos antes ἄροτος por "*jour des semailles*".

A versão de ἄροτος por *aratio* (acto de lavar, sem mais) poderia favorecer o conhecido *praeceptum trium arationum*, mas gerava uma contradição nesses mesmos versos, que alguns rejeitam e Mazon inverte. Mais grave ainda a confusão que vai gerar entre νεώω e νεάω, e possivelmente, νεός e νεύός. Ora νεάω "é um *hapax* em toda a literatura arcaica", aparecendo mais tarde em Aristófanes (Nuv. 1117), e tem um só significado: *alqueivar*; pelo que o v.462 de *Os Trabalhos* só pode ter uma tradução: *a terra alqueivada no estio*...

O acto de lavar encontra em Hesíodo e no mesmo verso o termo próprio: πολεῖν.

Deixemos agora este passo (13), cujo valor é relativo, pois o o seu alcance transpõe as fronteiras do nosso trecho, e fixemo-nos na tradução do voc. τετράτροφον e ὀκτάβλωμον do v. 442. P. Mazon verte: "*pain à quatre entailles et huit portions*".

É fácil imaginar um pão de quatro entalhes e oito cabeças. Mas há uma versão de M. Hoffinger, bastante diferente: "*Encore faut-il qu'il soit nourri sans parcimonie, non d'un aliment grossier, mais d'un bon pain, large et bien fait*" (14).

Em geral entendia-se que "panes rustici incisuras suas habent ut servis omnibus aequales partes frangendo possis dirimere" (15). Entre nós J. Félix Pereira, seguindo talvez os *Scholia*, traduziu. "O quadrífido pão em oito partes dividido sendo" (16).

O editor da Loeb é menos afoito e observa que "the means is obscure" e adverte que Teofrasto usa o mesmo vocábulo em contraste com "leavened", isto é, fermentado (17).

Ora parece ser exactamente este o sentido básico de τετράτροφος, derivado do verbo θρύπτω, como se pode deduzir do vocábulo da mesma raiz ἄτροφον usado por Alcman para qualificar uma espécie de queijo fabricado pelos pastores (18). E assim "*le pain qu'Hesiodé réclame*

pour l'ouvrier chargé de labours, sera donc un pain fait au levain-et de grande taille" (19).

A discussão metalinguística do trecho não devia distrair-nos de seu valor estético. Ora, basta ler com certa atenção para nos apercebermos da facilidade com que Hesíodo maneja determinados requisitos da arte poética e dos méritos que lhe asseguraram o triunfo na sua viagem aos "jogos fúnebres" de Eubeia (vv. 650 e sgs.).

Primeiro, o gostoso equilíbrio da tripartição: a lei da terra-lavrar nu, semear nu, colher nu (v. 391); o estatuto do proprietário rural: casa, escravos, bois (vv. 405-406);

as características do Outono: o sol perde calor,
Zeus manda a chuva
O homem revigora (vv. 414-417).

O uso da paranomásia, resultante da prefixação, como

ἐπιδώσω ἐπιμετρήσω (vv. 396-397),

ou da etimologia, como πήξας e πηκτόν (vv. 430-433)

e γύην e αὐτόγυον (vv. 427-433, 436);

ou da simples aproximação de sons: αὔλακ' ἐλαύνοι (v. 443).

A aliteração, como neste último exemplo e, mais nítida na sequência λύσις λιμοῦ τ' ἀλεωρήν (v. 404).

Hesíodo sabe aproveitar o belo efeito das construções binárias, antitéticas ou não, como levantar-se e deitar-se (vv. 383, 384); dias e noites (vv. 385-419); terra e mar (v. 389).

Desenvolve até uma simetria com agilidade, uma simetria quiástica na charneira do trecho:

Casa, escrava, bois:

bois para o trabalho; escrava laboriosa;

casa bem apetrechada.

Deveríamos acrescentar ainda a elegante concisão resultante de composições muito felizes, como ἐτρωτοεργός (v. 411) e de sentenças proverbiais, como esta:

O descuidado não enche o celeiro.

Passando ao domínio do léxico, ao valor descritivo, assinala-se o poder de sugestão que se evola dos dois versos e meio consagrados ao caminho da estrela Sírio sobre a cabeça dos homens (vv. 417-419) e muito principalmente os traços rápidos como enérgicos com que põe o pobre a bater à porta que não se abre, ou o quadro chocante do homem necessitado, que acompanhado de mulher e filhos estende a mão à vizinhança indiferente. Lirismo profundo, espontâneo, como espontânea a adjectivação apropriada que basta para evocar o périplo do ciclo anual (v. 386), a superfície ondulante do mar ou os vales profundos do interior (vv. 386-389).

Não falamos já das metáforas, linguagem poética por excelência. Mas não nos coibimos de sublinhar uma, pelo que encerra de pungente ironia: *estéril é a cultura de palavras* (v. 403).

O que fica anotado ajudará a apreciar melhor uma obra que teve enorme influência na literatura clássica. Mas se a lermos em voz alta, notaremos uma suave musicalidade para o que muito contribuem as formas arcaicas do micênico, usadas por Hesíodo como o foram nos poemas homéricos, muito especialmente o genitivo em *oio*.

DATAS MAIORES DUM CALENDÁRIO

Depois destas notas de carácter semântico, queremos agora ocupar-nos de outros aspectos de importância para o agricultor, não só da Beócia e do séc. VIII a.C., mas para todos os que ao amanho da terra se dedicam em todos os tempos e lugares. E venha em primeiro lugar o calendário, com que aliás abre e fecha a secção. Para uma civilização agrícola e para um poema didáctico sobre a cultura da terra, a determinação das estações, com que coincidem determinadas tarefas do campo, ocupa naturalmente um lugar de primazia. Ora a época de maior relevo na vida do homem do campo é a das colheitas, e, por acessão, a das sementeiras. Hesíodo fá-las coincidir respectivamente com o período em que as Plêiades começam a estar sobre ou debaixo do horizonte. O levantar das Plêiades, após 40 dias de invisibilidade, dá-se entre 5 e 10 de Maio e o pôr-se entre 5 e 11 de Novembro. O nascer das Plêiades coincidia com o começo do Verão, e o pôr com o começo do Inverno. Mas no v. 615, as Plêiades aparecem associadas às Híades e Orion. Com efeito, as Híades e Orion seguem de perto o ocaso das Plêiades: cerca de 20 de Novembro. O aparecimento de Orion dá-se nas últimas semanas de Junho e primeira de Julho, quando se procede à debulha do cereal (v. 597-598). Muito importante é a estrela Sírio, que Hesíodo nos descreve no período em que ela quase só "viajava" de noite (vv.417-418), faz o seu aparecimento no horizonte entre 20-27 de Julho e o ocaso entre 22 de Novembro e 6 de Dezembro. O seu declínio marca o tempo ideal para o abate da madeira destinada às alfaías agrícolas. Hesíodo menciona ainda — e três vezes — os solestícios. Duas vezes o solestício de Inverno (vv. 564 e 479) e outra o solestício de Verão (v. 663). Este último, que ocorria no dia 1 de Julho, é talvez o de maior significado no calendário hesíodiano, porque se relaciona com o período apto para a navegação.

Eis o esquema dum calendário, mais experimental que científico, mas de real utilidade, e em que Hesíodo leva a palma a Homero (20).

CARROS E ARADOS

A madeira que Hesíodo aconselha a cortar em tempo devido destina-se à construção de carros, *specie*, do rodado, isto é, o conjunto do eixo e rodas, e dos dois arados. A observação, racional, faz parte da experiência universal, sem qualquer laivo supersticioso (21).

No que diz respeito aos carros, o Poeta não escolhe madeiras, insistindo, porém, na medida exacta que deve ter o eixo, os arcos, e o diâmetro de roda, respectivamente, 2,38m (7x0,34m); 0,72 (3x0,24) 0,8x (10x0,08m). A correlação de medidas entre os quatro arcos e as duas peças que formavam os diâmetros resulta perfeitamente exacta, se os quatro arcos de círculo de quatro ou cinco centímetros de espessura, eram pregados nas extremidades dessas peças (22).

O lugar que na construção das rodas dum carro pertencia à geometria, ocupava-o, na feitura dos arados, a escolha da madeira. Parece que o mais difícil era encontrar madeira com resistência bastante para fender a terra.

Mas que significa exactamente o vocábulo γύνης?

João Félix Pereira, que foi jurista, médico e agrônomo, traduz assim o passo: "Ao apo o artífice com pregos junto o dental e o temão" (23).

Segundo esta versão ἔλυμα seria o apo; ἰστοβοεὺς, o temão e, por exclusão de partes, γύης o dental.

Segundo Bailly, γύης é a peça de madeira a que se aperta a relha. Mas o mesmo dicionarista informa-nos que ἔλυμα é também a parte inferior do arado "ou s'adapte le soc", palavra que também significa relha. Donde se deve concluir que γύης e ἔλυμα são a mesma coisa...

Liddell - Scott descreve γύης, -ou como sendo "the curved piece of wood in a plough, to which the share was fitted", isto é o dental.

"Ἐλυμα, essa é "the stock plough also explid by γύσσα isto é, um cepo onde se enxerta qualquer coisa.

Pierre Chantraine (24) propõe para γύης "'age', pièce de bois courbé qui dans la charrue joint le timon au talon", advertindo que só nas duas passagens de Hesíodo se encontra tal acepção. Neste caso, γύης seria talvez a rabiça do arado (25).

No meio desta confusão, voltemos a consultar o lavrador-poeta. Deixemos de parte o arado dumã sã peça, rudimentaríssimo, mais ou menos "um galho arrastado pelo chão" (26), e fixemo-nos no arado composto de várias peças, da qual uma deve possuir especial resistência - o γύης.

Ora o que logo nos declara Hesíodo é que ela deve ser curva, no que partilha da condição de muitas outras. Isto ressalta do contexto, ainda que não queiramos dar à frase nominal com que começa o verso 427 o sentido de intimação (27).

O facto de ser curva exclui a hipótese de se tratar dumã relha, embora não a de ser o dental que fizesse uma curva onde começava a rabiça com a qual poderia formar uma sã peça.

Mas, além de que há em Hesíodo o termo próprio de rabiça - ἐχέτην (v. 467), e γύης fixa-se por um lado no ἔλυμα mas adaptá-se pelo outro ao ἰστοβοεὺς, que é uma peça bastante comprida - 8 pês, cerca de 2,5m, e parecida com as varas dum tear (ἰστός).

Por outro lado, ἔλυμα já foi aproximado de γύσσα que na *Il.* 23, 332-334, designa a meta, onde os cavalos davam a volta para trás (28). E, por seu turno, a raiz de ἔλυμα é a mesma do verbo ἔλυμι, que significa vestir-se, dobrando a capa - ο ἰμάτιον. Temos assim a função de ἔλυμα definida como a peça que no acto de lavar vira a leiva, o que nos permite identificar nela o *dental*, *dente* ou *dentinho*, a que se veio a adaptar a relha metálica.

Sendo assim, o γύης sã pode ser o temão, peça curva e resistente, de azinho, cuja resistência se requer para manter constante a abertura do arco formado pela sua junção com o dental e que assegura a este a posição recta debaixo da terra.

Chegados a este ponto, convirá chamar a etnologia em auxílio da imaginação. No seu longo estudo sobre os *Arados Portugueses* e suas prováveis origens, Jorge Dias historia a evolução deste notável instrumento agrícola - que também é definidor de civilização - distinguindo três espécies de arado: *radial*, *de garganta* e *quadrangular*. Destes, o último, de origem germânica, destinado a terrenos húmidos e pesados, está fora de questão. O arado radial era o arado tipicamente lusitano. O arado de garganta, de origem mediterrânica, foi utilizado pelos Romanos

e, no nosso país, ainda subsiste em zonas mais profundamente romanizadas, como a Veiga de Chaves e o Alentejo.

Ora o temão deste arado possui a particularidade de ser formado de duas peças, uma em forma de arco, a que se liga o dental e, se for o caso, a rabiça, e outra que liga o arado ao jugo dos bois. Esta, que se ajusta à parte curva, a *garganta*, por uma argola de ferro, a *viela*, era propriamente a *cabeça* ou *cabeçalha* ou *cabeçalho* e às vezes *cambão*. A *garganta* é assim designada porque a figura geométrica desenhada por esta parte do temão e o dental que se lhe engasta, imita uma garganta (29).

Agora não deixa de ser curioso registrar o que no seu dicionário etimológico escreve Chantraîne, a propósito de γύνης: "avec une application toute différente l'idée de courbure, γύνης designe les petits os du cou" (30). Afinal, não é totalmente diferente a aplicação: a raiz da metáfora está no desenho da garganta.

Acaso não terá Virgílio entendido desta maneira a Hesíodo? (31)

UMA FILOSOFIA DO TRABALHO

A. Lesky julga dever advertir-nos que os vv. 381-617 são uma "ilustração prolixa da admoestação dirigida a Perses" e, que, portanto, "não é lícito afirmar que Hesíodo chegou a tocar aqui o seu tema propriamente dito" (32). Não temos dificuldade em aceitar a advertência, tanto mais que estamos convencidos da unidade do poema. Cremos, no entanto, que estes conselhos práticos, destinados a conseguir para o trabalho a maior eficácia, ocupam lugar relevante no que poderíamos chamar uma filosofia do trabalho, enquanto nela vê o Poeta o único meio de o homem se libertar do pessimismo da idade de ferro. Nesta idade de ferro, metal cujo uso generalizado está na base do progresso, nem tudo são desgraças: há princípios de bem misturados com o mal (v. 179). Esse bem é a consciência da própria dignidade e responsabilidade pela qual o homem procura no trabalho uma independência econômica bastante a poupar-lhe a humilhação de mendigar a subsistência. Os deuses, que antepuseram o suor ao mérito (v. 287) não fizeram do trabalho apenas um castigo. Pelo contrário, deram aos homens com ele um meio de, até certo ponto, refazerem a idade de ouro, conseguindo pelo esforço honesto, inteligente, um conforto, a meio caminho entre a miséria e o esbanjamento.

A conquista desta abastança facilita a prática da justiça, e, com fazer a vontade de Zeus, o homem colabora com a boa *Eris* que, voz da terra, fomenta entre os homens justa emulação. Por isso é que Hesíodo "faz gravitar sobre o trabalho todo o esforço de construção moral" (33). Dele se pode esperar a constituição de uma sociedade, onde reine a *Dikē*, irmã da *Paz* e da *Eunomia*, cuja "noção inclui a posse de boas leis e a disposição para lhes obedecer" (34).

O FILÓSOFO LAVRADOR

Ao fazer a apologia do trabalho, Hesíodo instaurou uma nobreza até então inédita: a nobreza do trabalho, que será timbre da "nascente classe camponesa" (35). A sua figura não será lá muito simpática. Orgulhoso, individualista, interesseiro, calculista, faz girar tudo à sua volta. Servos e mulher, todos vivem para ele, que os aprecia rea-

listicamente de harmonia com o proveito que podem trazer à casa. Trata-os bem, para que rendam mais.

De facto, a imagem que Hesíodo suscita na nossa mente é a de um senhor feudal em miniatura, muito consciente do seu valor intelectual e muito cioso da sua independência. Testemunha da ascensão da burguesia, que ao sair dos "séculos obscuros" invadia o campo da aristocracia decadente (36). Mas Hesíodo não é invejoso: o seu magistério poético visa a levar os seus vizinhos a procurarem a mesma independência que ele adquiriu com trabalho e economia. Os seus *Erga* enobrecem o homem e valorizam a natureza, e ajudam a criar um determinado tipo humano. O poeta da Beócia e o seu poema serão tidos como precursores duma poesia pela qual, no decurso das Idades, tem sido cantada a *divini gloria maris* (37).

E até certo ponto dele se poderia afirmar também — o que já se afirmou —: "O camponês-filósofo da Beócia quis regular na justiça e na operosidade toda a vida de um povo", acrescentando também o que de Virgílio se escreveu: — "Ele é o cantor de grandes verdades" (38).

EXCURSO

O cuidado e o esmero posto por Hesíodo na medida das peças do carro, insistindo que as medidas devem ser exactamente aquelas, mereceria um estudo mais aprofundado.

Em primeiro lugar, o sentido preciso de ἄμαξ, geralmente traduzido por carro. O termo é frequente nos poemas homéricos, em várias acepções, uma das quais, segundo o *Lexicon Homericum*, se define assim: "propriè est currus ea tantum pars quae axes rotasque habet".

A etimologia do vocábulo poderia descobrir dois elementos básicos: ἀμφὶ + ἄξογ, isto é, veículo com dois pares de rodas, como deviam ser os carros gregos.

Outro aspecto a considerar é a proporção entre o eixo das rodas e o círculo formado pelos arcos. O cálculo está feito por meio da fórmula $2\pi r$ e o resultado satisfaz.

Mas não vamos alongar-nos nestes aspectos da técnica, bastantes a corrigir a afirmação de A. Andrews de que "Hesíodo se preocupou mais em repreender o preguiçoso e o pródigo do que repartir conhecimentos sobre utensílios e processos" (39). Julgamos mais oportuno chamar a atenção para a importância que tinha o carro na vida dos Gregos desde tempos remotos. Com a descoberta da leitura do *Linear B*, temos documentos escritos que revelam o interesse dos grandes senhores pelas peças mais importantes do carro, como o eixo. Assim numa *tábula* de Pílos lê-se:

o-di-do-si / du-ro-to-mo	
a-mo-te-jo-na-de / e-pi-pu-ta	50
a-ko-so-ne	50 (40)

O documento volta ainda a falar nos *a-ko-so-ne* na quinta linha; mas o que transcrevemos dá-nos a ideia do interesse que os *eixos*, ou madeira para eles, representavam na administração do *oikos*, sendo certo que uma das incumbências dos lenhadores era fornecer um determinado número destas espécies.

Joaquim Mendes de Castro

N O T A S

1. W. Jaeger, *Paideia*, tr. port. p. 79.
2. P. Mazon, "Hésiode, La Compos. des Trav. et des Jours", *Rev. des Ét. Anc.* XIV, (1912) 4, 330.
3. Cfr. Albert Cuny, *Le Nombre Dual en Grec*, Paris, 1906, pp.500-505.
4. "Aufbau und Absicht der Erga" in Fitz et alii, *Hésiode et son influence*, Genève, 1960, pp. 111-169.
5. *Influence d'Hésiode*, p. 170.
6. O texto acrescenta: machos, porque no grego βους é subst.epiceno.
7. Cfr. P. Mazon, o.c. p. 348.
8. Cfr. Max Benze, citado em H. de Campos, *Transformer-Traduire*, p.71.
9. Belles Lettres, l. τ. nota 1.
10. A. Bailly, *Dict. Grec-Français*, Paris (1950)².
11. A Greek, *English Lexicon*, Oxford, (1958), 4^a reprod. da 9^a ed. (1940)
12. *Lexicon Homericum*, Lipsiae, 1885.
Lembramos ainda Heródoto (Os Sítas) ζῶντες μη ἀπ' ἄότου ἀλλ' ἀπὸ κτηνέω (IV, 14).
13. O assunto foi objecto de um artigo erudito de M. Hoffinger "Le sens d' "Απος et du verbe Νεῶν em *Antiquité Classique*, 36 (1967)1, 5-21.
14. *Antiquité Classique*, 36 (1967) 2, 57-60.
15. Ib. 458.
16. *Os Trabalhos e os Dias*, tradução em endecassílabo, Lisboa, 1876.
17. *Hesiod....* edited by E. Page, 1964, (reprinted).
18. D.L. Page, *Poetae Melici Graeci... reliquias*, Oxford, 1960, p.50.
19. M. Hoffinger, *Antiquité Classique*, 36 (1967), p.460.
20. Cfr. D.B. Dicks, *Early Greek Astronomy to Aristotle*, London, 1970, 34-38, de onde extraímos a maior parte destas informações.
21. Já o mesmo não acontece nos vv. 805-808, que consideram dia feliz para o abate de árvores o sétimo dia do meio do mês.
22. Cfr. P. Waltz, "Hésiode Charron et géometre" em *Rev. des Ét. Anc.*, 14, (1912), pp. 225-238.
23. o.c. ad locum.
24. Dict. Etimologique de la Langue Grecque I, ad. locum.
25. O Dicionário Francês-Port. de Domingos de Azevedo dá para age unicamente o significado de rabo da charrua.
26. Jorge Dias, "Os Arados Portugueses", *Revista da Universidade de*

- Coimbra*, XVI (1949), 266. Estes arados primitivos ainda estão em uso na Ucrânia, *ib.* p. 270.
27. Como faz P. Waltz que prefere a tradução: *Hes. Charron et Géometre*, p. 231, nota 3.
 28. νύσσα / τερμετ' ἔθηκε... δῖος Ἀχιλλεύς.
 29. Cfr. J. Dias. o.c. pp. 282 e sgs.
 30. Dic. Etymol. ad locum.
 31. Continuo in silvis magna vi flexa domatur
In burim et curvi formam accipit ulmus aratri;
Huic a stirpe pedes temo protentus in octo,
Binae aures, duplici aptantur dentalia dorso.
(Georg. I, 169-172)
 32. A. Lesky, *Hist. de la Lit. Griega*, vers. espanhola, Gredos, Madrid, 1968, p. 127.
 33. La Penna, "Intorno allo Stoppamento dei concetti morali negli *Erga*", p. 61.
 34. *The Justice of Zeus*, p.36.
 35. *Paideia*, p. 90.
 36. É a tese de Ernest Will em "Hésiode: crise agraire ou recul de l'aristocracie?", *Rev. des Ét. Grec.* 78(1965) 542-556.
 37. Georg. I,168. Cfr. Carl Roebuck, *The Musas at Wark*, p. 148.
 38. A. La Penna, "Esiodo nella cultura e nella poesia di Virgilio" em *Hésiode et son influence*, pp. 230 e 252.
 39. *The Greeks*, p.8.
 40. O texto pode ler-se em M. Doria, *Avviamento allo studio del Mice_uneo*, p. 173.